



O cotidiano na Cidade-Estado Grega

Os espaços dos vários grupos na pólis

Apesar da fragmentação política do mundo grego, as várias cidades-Estados reconheciam-se como partes de uma mesma unidade cultural, com língua, costumes e valores comuns. Essa comunidade cultural ocupava a Grécia continental, as ilhas do mar Egeu e do mar Jônico, as costas do mar Negro, a Anatólia, a África do Norte, a Sicília e o sul da Itália. Para os gregos, esse era o mundo da civilização, ao qual se contrapunha um outro, o mundo bárbaro, isto é, habitado por outros povos: os persas, que, na época de Heródoto (séc. V a.C.), estendiam seus domínios desde o Egito até o rio Indo, da Ucrânia à Etiópia; e também os citas, ao norte da Trácia; os celtas da Gália e da península Ibérica; os povos da península Itálica; e os do oeste da costa norte da África, fixados entre o Marrocos e a Líbia.

Em toda cidade-Estado grega havia espaços comuns a todos os grupos sociais e outros reservados aos grupos que eram, de alguma forma, diferenciados.

Todas as pessoas freqüentavam o mercado e o teatro. Já a assembléia era reservada apenas aos que eram cidadãos - ou seja, homens livres descendentes de pessoas nascidas na cidade. O conselho e os tribunais eram reservados aos eleitos para suas funções, embora todo cidadão pudesse sê-lo. O estádio era freqüentado por homens adultos e jovens com mais de doze anos que tivessem tempo livre para praticar esportes. Todos esses lugares ficavam na parte baixa da cidade, a ágora.

O casamento, via de regra, era uma forma de aliança entre famílias na qual a mulher era um bem de troca, tal como outras riquezas móveis, que pertenciam sempre a um homem. O convívio amoroso que resultava em casamento era raro, embora pudesse ocorrer, uma vez que o objetivo do casamento era apenas a preservação das famílias.

A educação das meninas ficava a cargo das mulheres mais velhas da casa: mãe, avó e criadas, com quem aprendiam os trabalhos domésticos, sobretudo a cozinhar e a tecer, e freqüentemente também um pouco de leitura, cálculo e música, apesar de isso não lhes ser imprescindível. Tinham, portanto, uma vida reclusa.

Havia, no entanto, exceções a esse padrão de educação feminina. Na escola dirigida por Safo, poetisa lírica, moças de famílias ricas recebiam educação, entre a infância e o casamento. Nessa escola, que funcionava como um grupo fechado, aprendia-se dança, música instrumental, a tocar lira, canto. Realizavam uma série de festas, cerimônias religiosas e banquetes. Praticavam também esportes atléticos. Há vestígios dessa escola que teria existido na ilha de Lesbos em fins do século VII a.C. Há notícias de outras escolas em Pérgamo, já na época helenística.

Essa reclusão da mulher, no entanto, só era possível entre as famílias ricas, para as quais o trabalho feminino não era uma necessidade de sobrevivência. As mulheres dos trabalhadores muitas vezes exerciam atividades fora de casa. Um exemplo típico é o da mulher do pescador, que vendia o peixe que o marido pescava.

O casamento definia as funções da mulher e do homem

Xenofonte, um autor do século IV a.C., retrata a condição feminina no casamento, na sua obra *Econômico*, a partir da ótica de um marido, Iscomaco, que conta a Sócrates como instruiu sua esposa para que ela pudesse cuidar dos assuntos que lhe diziam respeito, mostrando-lhe os motivos do casamento e as tarefas do marido e da mulher.

(...) eu te escolhi e teus pais me escolheram entre outros partidos. E nós cuidaremos de educar nossos filhos da melhor maneira possível, pois teremos a felicidade de encontrarmos neles os defensores e nutridores da nossa velhice. [...] Eu penso que os deuses escolheram o casal que chamamos macho e fêmea a partir de uma reflexão, e para o bem da comunidade. Em primeiro lugar os casais se unem para procriar; depois, entre os humanos, os pais, quando velhos serão alimentados pelos filhos; e como os homens não vivem ao ar livre como os animais, precisam de abrigos. E se os homens querem ter coisas para trazer para seus abrigos, precisam fazer trabalhos ao ar livre, de onde se traz o que é necessário para a vida, a agricultura e a criação de animais. E quando as provisões chegam ao abrigo, é preciso alguém para conservá-las. Há outros trabalhos que só podem ser feitos em lugares fechados: cozinhar, tecer e educar as crianças. Ora, como essas duas funções, do interior e do exterior, exigem atividade e cuidado, os deuses tornaram a natureza da mulher própria aos trabalhos do interior, e a do homem própria para os trabalhos do exterior.[...] será necessário que fique na casa, que mande sair o grupo de empregados que tenha o que fazer fora, que supervisione o trabalho daqueles que ficam na casa, que receba as provisões que trouxerem, distribuindo as que precisarem ser consumidas e guardando as outras, cuidando para não gastar as reservas do ano em um mês. Quando trouxerem a lã, deverá cuidar para que teçam roupas para aqueles que precisam. Deverá também cuidar da conservação dos alimentos armazenados. Uma de suas ocupações, e da qual talvez não goste, será tratar dos empregados que adoecerem.

(Xenofonte, *Econômico*, VII, 4-39, p. 364-9.)

A visão que a esposa tem do marido

Na tragédia *Agamêmnon*, Ésquilo retrata a maneira como as esposas consideram seus maridos. Clitemnestra recebe Agamêmnon, seu marido, dizendo:

Saúdo neste homem o mastim fel que guarda o rebanho; o arrimo firme, a salvação da nave; a coluna-mestra, o sustentáculo do teto elevado; [...] (Ésquilo, Agamêmnon, p. 33.)

As diferentes funções entre os homens e as mulheres tinham sua correspondência na divisão dos espaços internos das casas, onde havia um lugar de reunião para os homens e um lugar especial para as mulheres, o gineceu, onde executavam vários trabalhos. Além de guardiães dos cultos domésticos, as mulheres solteiras podiam ser sacerdotisas dos templos de Dioniso, Afrodite, Deméter, Atena, Ártemis e Apolo, onde tinham o importante papel de porta-vozes dos deuses, consultados por pessoas de toda a Grécia. Em alguns templos as sacerdotisas podiam ser casadas, como no templo de Hera, na Messênia.

As funções religiosas da mulher não se limitavam ao espaço dos templos. As Mênades, por exemplo, participavam do culto ao deus Dioniso realizando cerimônias em que entravam em transe nos bosques, à noite.

Os diferentes espaços do homem

Além da atividade produtiva, alguns homens, os cidadãos, tinham a obrigação de exercer funções políticas e militares. Mas nem todos podiam ser cidadãos. Em Atenas, só os filhos de pai ateniense podiam ter essa posição, até o século V a.C., quando Péricles diminuiu ainda mais essa possibilidade, obrigando que o indivíduo tivesse pai e mãe atenienses para ser cidadão. Em Esparta, só os descendentes de espartíatas podiam ser cidadãos. Tanto em Atenas quanto em Esparta, o reconhecimento da cidadania dependia de um ritual realizado na época do nascimento da criança, e da educação que recebia, uma vez que a condição essencial para o exercício da cidadania era a formação e atuação militar, que tinha início com os primeiros treinamentos aos dezoito anos e findava aos sessenta.

Em Atenas, além das atividades políticas e militares, cabia ao cidadão rico, cuja fortuna superasse um certo patamar, algumas obrigações, denominadas liturgias, que incluíam o custeio de uma série de serviços públicos, como o financiamento de representações teatrais, a conservação e o comando de um navio de guerra, a organização de jogos no ginásio e o fornecimento do óleo que os atletas usavam nas Olimpíadas, ou as despesas de um banquete público oferecido aos membros de uma tribo. Tais obrigações eram vistas como um privilégio, uma oportunidade para ser honrado pela comunidade.

Era bem considerado o cidadão que, além das liturgias, se dispusesse a alguma forma de distribuição de riquezas. Um exemplo disso é relatado por Plutarco, ao contar como Címon, além de usar o produto do saque de campanhas militares em proveito dos seus concidadãos, mandou retirar os muros de suas propriedades a fim de permitir aos estrangeiros e aos pobres a possibilidade de colher frutos de suas terras e, todos os dias, oferecia-lhes uma refeição simples mas suficiente. Assim, fazia de sua casa um lar comum.

Os estrangeiros, nas cidades-Estados gregas, raramente atingiam a condição de cidadão; porém, sua situação não era a mesma em todos os lugares. Em Esparta, por exemplo, os estrangeiros eram periodicamente expulsos. Já em Atenas, eram inscritos nos demos e, portanto, estavam administrativamente incorporados à população ateniense. Eram denominados metecos. Podiam exercer funções públicas subalternas, como a de arauto*, médico, cobrador de impostos ou empreiteiro de serviços públicos, mas eram-lhes negados os direitos políticos, apesar de participarem de algumas liturgias, como, por exemplo, a de custear o coro dramático. Quanto ao serviço militar, não participavam do treinamento, que era um dos rituais de admissão ao corpo de cidadãos; no entanto podiam servir na infantaria como hoplitas.

A formação do cidadão

Tanto em Esparta como em Atenas, o treinamento militar cumpria a função de transformar o antigo guerreiro dos tempos homéricos, o herói que valia por sua coragem e ousadia pessoal, em um ser disciplinado, segundo as normas da moral da cidade. Os métodos diferiam: Em Esparta, apenas um pequeno grupo participava do poder, os espartíatas. O Estado se encarregava da educação das crianças dessa classe dominante desde que nasciam, quando os mais velhos decidiam se deviam ou não viver. Uma vez aceitas, o Estado cuidava de sua educação, fazendo com que, desde pequenas, desenvolvessem o sentido de honra, por meio de uma prática institucionalizada da reprovação e do elogio, do sarcasmo e da glorificação. Havia também uma série de ritos, através dos quais elas provavam tudo o que é vergonhoso e selvagem, para poderem mais tarde vencer as situações adversas e encontrar a glória e a honra autênticas do cidadão. Nesse período, os meninos estavam sob a proteção da deusa Ártemis, e no seu templo eram levados a realizar uma série de danças variadas, com a imitação de todo tipo de animal selvagem, que estimulavam o medo, a sensualidade e a violência. Por isso, em Esparta, nas escavações do santuário de Ártemis foi encontrada uma série de máscaras de sátiros e górgonas, usadas nessas cerimônias rituais. Nesse momento de transição, o jovem ficava numa posição social entre a do hilita (descendente de um povo subjugado pelos espartanos que vivia em estado de servidão) e a do cidadão. Por isso tinha a cabeça raspada, usava um boné, e ficava sujo, vestindo uma túnica durante todo o ano, como os hilitas; depois, ao atingir o estágio de espartíata, usava o cabelo longo.

O treinamento militar espartano: a :Tida rude e marginal já nessa idade (doze anos) tinham amizade com os moços de melhor reputação. Os velhos também os vigiavam, freqüentando mais assiduamente os ginásios, assistindo a suas lutas e a mútuos gracejos, persuadidos de certo modo de serem os pais, os pedagogos e os magistrados de todos eles. Assim, em toda ocasião e lugar havia alguém para corrigir e castigar quem errava. Além disso, era designado um mestre escolhido na fina flor dos varões e cada turma elegia para o chefe o mais ajuizado e aguerrido dentre os chamados írenes; davam esse nome àqueles que haviam deixado a classe das crianças mais de um ano atrás, e o de melirenes aos mais velhos dos meninos. Esse íren, pois, com vinte anos de idade, comandava os seus subordinados nas batalhas simuladas e, no alojamento, utilizava-os como criados na preparação das refeições. Mandava os mais

corpulentos lenhar e os menores buscar legumes onde encontrassem. Eles traziam o produto de roubos, indo uns às hortas, insinuando-se outros nos lugares de refeição dos homens, com muito jeito e muita cautela; quem fosse apanhado levava muitos açoitos, por ser considerado ladrão negligente e inábil. Roubavam quanto alimento podiam, aprendendo a atacar adestradamente a quem dormia ou afrouxava a vigilância. O castigo do que era apanhado era a sova e a fome, pois a comida escassa os forçava à audácia e à astúcia, para evitarem por seus próprios meios a penúria. (Plutarco, Vida de Licurgo, p. 28-9.)

Em Atenas, a parte relativa à educação militar do cidadão ficava a cargo do Estado, a partir dos dezoito anos. Antes disso, a educação era um encargo das famílias, através das mães e dos professores contratados, o que tornava a formação completa do cidadão um privilégio de ricos. Esses professores particulares ensinavam aos jovens a música (a lira, a dança ligeira e o canto); os esportes (corrida, arremesso de disco, dardo, salto em extensão, luta e boxe); e a poesia (fundamental para a sociabilidade, por ser declamada nos banquetes, e mesmo para o desenvolvimento da arte de falar). As escolas eram todas particulares. Na segunda metade do século V a.C., portanto, já no período clássico, apareceram os sofistas, professores que proviam o cidadão com as armas de que precisavam para participar e influir nos assuntos da cidade: ensinavam-lhe a arte da argumentação. Eles treinavam o aluno a mostrar que sempre tinha razão, explorando os argumentos favoráveis e contrários de qualquer idéia ou situação. Os sofistas, bem como os outros professores, ensinavam em suas casas e cobravam caro por esse ensino.

Uma visão da educação ateniense no século V a.C.

Aristófanes escreveu uma comédia, *As nuvens*, na qual dois professores, Justo e Injusto, fazem propaganda de seu método de ensino para Fidípedes, um aluno à procura de professor. Justo personifica a educação antiga, baseada nos valores cívicos de respeito às tradições mantidas pelos mais velhos e valorizada por Aristófanes. Injusto representa os sofistas, criticados por se oporem aos antigos valores da cidade grega, uma vez que defendiam o oportunismo e o hedonismo.

Justo:

- Então vou contar como era a educação antiga, quando eu crescia dizendo o que é justo, e a prudência era considerada. Em primeiro lugar, não se devia ouvir um menino cochichar nem um "a", depois, os moradores de um mesmo bairro andavam pelas ruas, bem disciplinados, indo

à casa do professor de cítara, sem mantos e em fila, ainda que nevasse [...]. Nos jantares, não lhes era permitido servir-se da cabeça do rabanete, nem roubar a erva-doce dos velhos (o rabanete por suas virtudes afrodisíacas, a erva-doce por suas funções medicinais) nem se devia comer gulodices, dar gargalhadas ou ficar de pernas cruzadas.

Injusto:

- Chi! São velharias [...]

justo:

- Mas, na realidade, foi com essas coisas que a minha educação criou os homens guerreiros de Maratona*. Mas você, desde logo, ensina as crianças de hoje a se embrulharem em mantos [...]

(A Fidípedes)

- Em vista disso, coragem, meu rapaz! Escolha-me a mim, o raciocínio forte. E você aprenderá a detestar a ágora, [...] passará o tempo nos ginásios; não ficará falando pela ágora a respeito de raciocínios espinhosos, como a mocidade de hoje, arrastando aos tribunais por um negocinho cheio de chicanas e contradições capciosas. Descendo à Academia apostará corrida, debaixo das oliveiras sagradas, com um rapaz ajuizado e da mesma idade. [...]

Injusto:
-E, no entanto [...] sou chamado "o raciocínio fraco"; por isso mesmo, porque fui o primeiro a pensar em contradizer as leis e a justiça. Eis aí o que vale muito dinheiro: escolher os raciocínios fracos e, apesar disso, vencer!

(A Fidípedes, o aluno) Observe como vou refutar essa educação em que ele acredita [...]

- E, depois, você censura a discussão na ágora, e eu a elogio. Se houvesse algum mal, Homero nunca teria feito de Nestor um "discurseiro"; nem de todos os sábios. Daí então passo para a língua: esse fulano diz que os jovens não devem exercitá-la, e eu digo que sim. De outro lado, ele diz que se deve ser modesto. Dois grandes males! Você já viu alguém ganhar alguma coisa com a modéstia? Fale, refute-me com palavras!
(Aristófanes, As Nuvens)

Ao final do diálogo, o pai de Fidípedes escolhe Injusto como professor.

Ao contrário dos conhecimentos intelectuais e artísticos, que em Atenas ficavam a cargo das famílias, a educação militar era um dever do Estado, como em Esparta, e condição para o exercício da cidadania. Em Atenas procedia-se da seguinte forma: todo filho de ateniense, aos dezoito anos, devia inscrever-se no demos de seus pais, o que significava pertencer a uma divisão administrativa da cidade; feito isso, o Conselho (boulé) se reunia para verificar a idade dos jovens e decidir se eram frutos de nascimento legítimo e de condição livre, o que era possível saber, uma vez que a legitimação da criança ocorria poucos dias depois do nascimento, quando, publicamente, era aceita pelo pai e pela comunidade e então recebia um nome. Caso a boulé votasse contra, o jovem seria considerado um impostor e vendido como escravo; do contrário, passava pelo exame de aptidão física e por um treinamento de dois anos.

A cultura guerreira e a relação entre os homens

O caráter guerreiro da cultura grega, presente em todas as cidades, levou a uma educação necessariamente militar e privilegiou o contato íntimo dos homens, favorecendo certo tipo de relação homossexual, aquela que se estabelecia entre um homem mais velho e um jovem. Essas relações sempre apresentavam um caráter de iniciação ao mundo dos adultos e eram tomadas como uma forma de pedagogia, na qual o mais velho seduzia o jovem mostrando-lhe suas melhores qualidades. O jovem, tomado de amor, procurava, então, imitá-lo. A pederastia

não precisava chegar às vias de fato. Podia permanecer idealizada, numa relação platônica. Sobre esse assunto, o filósofo Xenofonte, que viveu no século IV a.C., escreveu: Creio dever falar também do amor entre os meninos, por que esse ponto concerne à educação. Entre os outros gregos, por exemplo entre os Beócios, os homens e os jovens formam casais que vivem juntos; entre os Eleatas compram-se com presentes os favores dos mais jovens [...] Licurgo tinha certas objeções quanto a essas relações. No caso de um homem honesto se encantar com a alma de um jovem, e querer ser seu amigo e viver com ele, (Licurgo) louvava e via nessa amizade um meio de deformar o jovem. Mas se alguém só se encantasse do corpo, seria declarado infame. (Xenofonte, República dos Lacedemônios).

Os homens e o trabalho

Dissemos que cabia ao homem prover a casa através de seu trabalho, que poderia ser realizado no campo, no comércio ou nas oficinas; porém nem todo trabalho era considerado digno, tanto em Esparta como em Atenas. Em Esparta, o grupo espartíata, que mantinha o poder pela força militar, não se ocupava de nenhuma atividade econômica e até mesmo a desestimulava, conforme nos conta Xenofonte: Nas outras cidades todos se esforçam para ganhar todo o dinheiro possível. Um trabalha a terra, o outro arma um navio, um outro pratica o grande comércio, e outros ainda vivem dos outros ofícios. Mas Licurgo proíbe os homens livres de exercerem qualquer tarefa lucrativa, e assegurar a liberdade ao Estado é, segundo ele, a única atividade da qual devem se ocupar.

Aliás, por que procurar a riqueza numa cidade em que o legislador ordena que todos contribuam com a mesma quantidade para a refeição comum e que vivam no mesmo regime para impedir a aspiração à riqueza e às doçuras que ela traz? Também não é para ter belas roupas que é preciso enriquecer, pois é a beleza do corpo, e não a suntuosidade da roupa que conta. Eles também não precisam ter dinheiro para gastar convidando amigos para os banquetes, pois o legislador dá mais importância ao esforço físico utilizado na ajuda aos amigos do que em despesas feitas para agradá-los. Além de tudo ele instituiu uma moeda que não cabe em uma casa. Pune o possuidor de objetos de ouro e prata. Por que, então, esforçar-se para ganhar dinheiro se ele traz mais problemas que prazeres? (Xenofonte, República dos Lacedemônios) Já em Atenas, cidade que vivia de uma economia comercial, desenvolveu-se uma outra atitude em relação ao trabalho, acompanhada de uma valorização do ócio, para que o exercício da política não fosse prejudicado. Aristóteles, que viveu no século IV a.C., era professor e pensador; escreveu sobre o trabalho na cidade-Estado:

É indispensável que a cidade seja organizada de maneira a dispor de vários serviços; conseqüentemente, deve possuir um número suficiente de agricultores para assegurar o suprimento de alimentos, além de artífices, militares, homens ricos, sacerdotes e juizes para decidirem o que for necessário e conveniente.[...] [...] Na cidade com o melhor conjunto de normas e naquela dotada de homens absolutamente

justos, os cidadãos não devem viver uma vida de trabalho trivial ou de negócios - esses tipos de vida são desprezíveis e incompatíveis com as qualidades morais -, tampouco devem ser agricultores os aspirantes à cidadania, pois o lazer é indispensável ao desenvolvimento das qualidades morais e à prática das atividades políticas. (Aristóteles, Política.)

Os trabalhos mais valorizados eram aqueles realizados ao ar livre, como podemos ler em Xenofonte:

Os ofícios que chamamos artesanais são muito malvistas, e é compreensível que os tenhamos em má conta na cidade, pois os que deles se ocupam e a eles se dedicam tornam-se fisicamente arruinados, por serem obrigados a viver sentados e à sombra, às vezes tendo que passar todo o dia ao lado do fogo. Os corpos ficando assim enfraquecidos, as almas, por sua vez, tornam-se menos robustas. Além do mais, os ofícios artesanais não permitem a quem os pratica nenhum lazer, para que se ocupem dos amigos e da cidade; e os fazem passar por maus amigos e medíocres defensores da pátria. E por isso que em certas cidades, notadamente a que tem reputação militar, é proibida aos cidadãos a prática dos ofícios de artesãos. [...]

Como é impossível aprender todos os ofícios e, de acordo com a decisão das cidades, consideramos desprezíveis os ofícios mecânicos que degradam o corpo e inutilizam a alma, a agricultura é a ocupação mais fácil de aprender e a de execução mais agradável. É uma atividade própria ao desenvolvimento da beleza e da força do corpo, e dá às almas inteira liberdade de se ocuparem dos amigos e da coisa pública. Parece-nos ainda que ela conduz à bravura, uma vez que os alimentos crescem fora da proteção dos muros. É esse gênero de vida que os Estados mais apreciam, pois estamos convencidos de que ele produz melhores cidadãos, os mais devotados à causa pública. (Xenofonte, Econômico.)

O trabalho escravo: a solução para o ócio do cidadão

Tanto para os reformadores de Atenas quanto para os fundadores de qualquer cidade, a inexistência do escravo era impensável. Todas as fontes consideram os escravos o mais necessário tipo de propriedade, o melhor, o mais dócil. Exerciam muitas atividades: podiam ser secretários ou escriturários, trabalhavam no campo, nas minas, no artesanato e no serviço doméstico. Provinham do comércio de escravos, freqüente entre povos vizinhos: trácios, sírios, ilírios, citas, lídios; ou, em alguns casos, eram prisioneiros de guerra. A relação entre a população livre e a população não livre variava bastante. Em Corinto, por exemplo, em meados do século V a.C., havia 165 mil homens livres para 175 mil escravos; já na Ática, na mesma época, havia 135 mil homens livres e 100 mil escravos. Apesar da valorização do ócio, nem tudo era feito por escravos: os cidadãos gregos eram agricultores, comerciantes, marinheiros e até mesmo artesãos. No serviço doméstico, muitos trabalhos pesados eram realizados por mulheres escravas, sob a vigilância e orientação da senhora da casa, como esmagar e moer os grãos, cozinhar o pão, fiar, tecer, bordar. Alguns desses escravos participavam da vida familiar mais de perto, como as amas e os pedagogos, que tinham como obrigação conduzir as crianças às casas de seus professores.

No campo, eram poucos os escravos, ao contrário do que ocorria nas cidades, nas oficinas de artesãos. No ramo da construção, nas grandes fábricas de armas, na fiação de tecidos e nas sapatarias trabalhavam tanto homens livres quanto escravos, fazendo as mesmas tarefas e com a mesma remuneração, que no caso do escravo era paga ao proprietário que o havia alugado. Nessas atividades era raro encontrar mais de cem escravos. A maior parte deles se concentrava nas minas de prata e mármore, aonde chegavam a mil. A condição dos escravos não era igual em todas as cidades. Em Atenas, por exemplo, trabalhavam nas minas, onde eram vítimas de maus-tratos e submetidos a excesso de trabalho, embora houvesse leis que lhes conferiam proteção contra a brutalidade da polícia, das autoridades e dos próprios cidadãos. Em outras cidades gregas, o escravo estava exposto à violência dos cidadãos, que podiam injuriá-lo ou agredi-lo. Em Esparta a situação era bem diferente, pois quase não existiam escravos provenientes do comércio, porém havia outra categoria de trabalho compulsório: a do hilota. O hilota era uma exceção no mundo grego. Não era estrangeiro, descendia de uma população grega subjugada, que trabalhava em estado de servidão em terras que anteriormente haviam sido suas. Mantinha laços de solidariedade com relação à cidade, tinha direito a um tipo de propriedade, e a produção que excedia aquela que devia entregar a seus senhores lhe pertencia.

Essa categoria era tão numerosa que chegava a superar a população livre. Os hilotas participavam do exército, ainda que utilizassem apenas o equipamento leve: espada curta, punhal e adaga, como os jovens. Apesar dessa proximidade, a relação entre os espartíatas e os hilotas era muito tensa e por vezes permeada de crueldade. Frequentemente eram forçados a beber vinho puro em demasia, e levados aos banquetes para demonstrarem os efeitos da embriaguez aos adolescentes. A consequência dessa relação eram as revoltas, e para preveni-las os espartanos por vezes exterminavam alguns, traiçoeiramente. O espaço do convívio pacífico: jogos, banquetes e festas

As formas de lazer mais cultivadas entre os gregos eram os jogos e os banquetes.

Praticavam um jogo de bola com paus curvados que se assemelhava ao hóquei. Conheciam o ioiô, faziam brincadeiras com alguns animais domésticos, como o galo, o cão e o gato, colocando-os em combate, conforme registros em baixos-relevos ou em pinturas de vasos. Conheciam também os jogos de azar, a começar do simples "par-ou-ímpar", praticado com moedas ou dados. Frequentes tanto em Esparta como em Atenas, com algumas diferenças, os banquetes eram atividade de lazer essencialmente masculina. Banquetes públicos: um lazer espartano. Em Esparta os banquetes tinham um caráter educativo, eram chamados filítias ou sissítias. Conta-nos Xenofonte:

Antes de Licurgo, os espartanos, como todos os outros gregos, comiam em suas casas, mas Licurgo, notando que geralmente abandonavam-se ao desânimo, os fez sair de casa para tomarem as refeições em comum, e em público, o que era, segundo ele, um meio seguro de

prevenir a desobediência às leis. E a alimentação era controlada, para que não houvesse nem penúria, nem excesso. [...] Suprimiu o costume que levava os convivas a beberem, obrigatoriamente, o que tornava os corpos e a alma pouco firmes, e só permitia a bebida para satisfazer a sede.[...]

Dessa maneira evitavam-se os costumes que levavam os cidadãos a perderem-se na bebedeira ou na comilança. Nos outros Estados, as reuniões se davam com pessoas da mesma idade, porém, em Esparta, Licurgo misturava as idades, para que o jovem, pudesse conviver com os mais velhos e disso tirar proveito para sua educação. É hábito, nessas reuniões, lembrar o que foi feito de belo na cidade, e não há espaço para a violência, para os excessos de bebida, para os atos vergonhosos ou obscenos.

(Xenofonte, República dos Lacedemônios.)

Banquetes e simpósios atenienses: o lazer privado

Em Atenas o banquete era um momento de diversão, sem nenhuma interferência do Estado, era uma ocasião de reunião de amigos para partilharem refeições (o que se considerava o banquete propriamente dito), ou se reuniam apenas para beber, após as refeições (os chamados simpósios). Xenofonte nos fornece uma descrição de tais ocasiões: Na sala do banquete, Autólico, cuja beleza atrai todos os olhares, encontra-se instalado ao lado do seu pai. Os convivas comem em silêncio, quando, de repente, batem à porta. É o bufão parasita Filipe, acompanhado de um escravo, que pede jantar para si e para o seu servidor. Cálias convida-o a tomar lugar. – “Vês como os nossos convivas estão sérios; chegas mesmo a propósito para desanuviá-los.” Mas, a princípio, as brincadeiras de Filipe não provocaram nem sombra de riso nos que jantavam. Então, aquele deixa de comer, cobre a cabeça com o manto, atira-se de comprido e de costas sobre o leito e finge que chora, o que provoca a compaixão dos assistentes; insistem com ele para que coma, prometendo mesmo rir com os gracejos que ele inventar.

Quando levaram as mesas, fizeram-se as libações e cantou-se. Quando começou o simpósio propriamente dito, um saltimbanco siracusano propôs um divertimento, com um grupo formado por três jovens: uma boa tocadora de oboé, uma dançarina acrobata e um rapaz muito belo, que era simultaneamente tocador de cítara e dançarino. (Cálias deveria tê-los contratado com antecedência, pois eles apresentam-se em festas mediante remuneração.)

(Xenofonte, O Banquete.)

Além da sociabilidade privada, havia momentos de convivência de todos os habitantes da pólis nas festas públicas, quando também participavam os deuses.

Fonte: <http://www.culturabrasil.pro.br/cotidianogrego.htm>